



CENTRO UNIVERSITÁRIO VALE DO SALGADO
BACHARELADO EM PSICOLOGIA

JESSYCA ARACI MOTA MACIEL

TORNA-SE PAI: O Pré-natal Psicológico como ferramenta na construção da parentalidade.

JESSYCA ARACI MOTA MACIEL

TORNA-SE PAI: O Pré-natal Psicológico como ferramenta na construção da parentalidade.

Monografia submetida à disciplina de TCC II, do Curso de graduação em Psicologia do Centro Universitário Vale do Salgado, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientador(a): Esp. Rebecca Pinheiro Sedrim

FICHA CATALOGRÁFICA (OPCIONAL)

Sobrenome, Nome do Autor, ano de nascimento-

Título principal, subtítulo / Nome e sobrenome do autor. Ano de conclusão.

n. de f. ; il. color. ("ilustrado" e "colorido" abreviado). Considera ilustrado se contém ilustrações relevantes. Tabelas contendo apenas palavras e/ou números não são consideradas ilustrações. Caso não seja ilustrado ou esta seja em preto e branco, não mencionar; exemplos: "n. de f. ; altura..." ou "n. de f. ; il. ; altura..."; altura da encadernação ou das folhas em cm (prestando as folhas para cima)

Orientador: Xxxx Xxxx xx Xxxx. (Apesar do AACRS não destacar esta informação, a prática o registra)

Trabalho de conclusão de curso (graduação) – Universidade: Xxxx Xxxx, Curso de Xxxxxxxx, ano de conclusão.

JESSYCA ARACI MOTA MACIEL

TORNA-SE PAI: O Pré-natal Psicológico como ferramenta na construção da parentalidade.

Monografia aprovada em ____/____/_____, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário Vale do Salgado – UniVS.

BANCA EXAMINADORA:

Esp. Rebecca Pinheiro Sedrim

Orientador(a)

Esp. Letícia Augusto Oliveira da Silva

Avaliador(a)

Esp. Lucas Ledo Alves

Avaliador(a)

Icó – CE

2021

AGRADECIMENTOS

Foram longos e curtos 5 anos de formação, nestes anos muitas pessoas passaram por minha vida e deixaram aprendizados. Neste trabalho quero agradecer aquelas que sempre estiveram aqui. A minha mãe, Antônia Araci, uma mulher forte e determinada que não desiste nunca de vê suas filhas felizes e realizadas, que foi companheira, conselheira, motivadora, apoiadora, a que disse que eu só precisaria de uma vaga para entrar na faculdade e em tantas outras seleções. Ela que sempre cumpriu com sua função de mãe como também ficou sobrecarregada em também suprir a função de pai, e ela fazia e faz isso com um sorriso no rosto. Ela que sempre acreditou em mim mais do que eu mesma, nos olhos dela sou capaz de tudo o que as pessoas dizem ser impossível. Obrigada Mãe. Aos meus sobrinhos, Pedro Kauã e Benício Lucas, que com seus sorrisos e abraços me fizeram forte e amanda, eles que sempre me chamavam para brincar enquanto estudava e assim conseguiram me fazer relaxar e ficar restaurada para enfrentar novos desafios, amo ser a âncora de vocês. As minhas irmãs que durante muito tempo foram suporte para que eu pudesse terminar a minha graduação. Ao meu namorado, Joctã Moura, companheiro, cúmplice, incetivador e acima de tudo compreensivo, ele que em muitos momentos esteve presente para mostrar que eu era capaz de realizar tudo que desejava e enxugar minhas lágrimas quando elas insistiam em cair, como também puxar minha orelha e me fazer enxergar as coisas não tão certas, ele que sempre foi capaz de abrir mão de tudo para estar ao meu lado e com atitudes me mostrar o quanto eu era importante, obrigada por ser você e ter embarcado nessa comigo. As minhas amigas de faculdade Geovânia Cristina e Nair Kersya que sempre me ajudaram na rotina árdua da faculdade, e a nossa estrelinha que foi tirada dessa vida previamente Thuanny Ferreira(in memoria). Aos meus professores que transmitiram com tanta dedicação todos os ensinamentos da ciência psicológica.

Foram anos incríveis e cheios de desafios, que venham os próximos.

EPÍGRAFE

“Tornar-se “pai” ou tornar-se “mãe” são processos distintos, no tempo, na palavra e no corpo. Cada qual inventa sua parentalidade a partir da mitologia de sua família, das narrativas de sua cultura, bem como da costelação específica que preside a chegada do novo ser. ”

DUNKER, 2020.

RESUMO

Este estudo foi realizado a partir do problema de pesquisa: como o pré-natal psicológico auxiliaria na construção da parentalidade sobe uma perspectiva paterna. Com o objetivo de compreender a ferramenta do pré-natal psicológico, como se dá a parentalidade paterna e os direitos e deveres do homem diante da gestação de sua companheira. Tendo a metodologia narrativa utilizando as técnicas da análise de conteúdo de Bardim , que segue 3 etapas: leitura flutuante dos conteúdos colhidos, seleção dos mais relevantes e por fim análise e inferências acerca dos materias encontrados, por meio de um estudo bibliográfico em livros, artigos e dissertações. A falta de bibliografias que relacionasse todos os aspectos da pesquisa levou a conclusão de que ainda se precisa do incetivo para a realização de estudos voltados para a área do pré-natal psicológico, como também de estudos voltados para o homem e processo de gravidez que se mostrou ainda escasso, pois o homem ainda é visto como figurante na gestação, foi visto que esse modelo de pai ainda é resquício do patriarcado que tinha o homem apenas como provedor finaceiro do lar e as margens do cuidado com os filhos.

Palavras-chave: Pré-natal Psicológico, Homem, Gravidez, Parentalidade.

ABSTRACT

This study was carried out from the research problem: how psychological prenatal care would help in the construction of parenthood from a paternal perspective. With the aim of understanding the psychological pre-natal tool, how paternal parenting occurs and the rights and duties of men in the face of their partner's pregnancy. Having the narrative methodology using Bardim's content analysis techniques, which follows 3 steps: floating reading of the collected content, selection of the most relevant and finally analysis and inferences about the materials found, through a bibliographic study in books, articles and dissertations. The lack of bibliographies that related all aspects of the research led to the conclusion that the incentive to carry out studies aimed at the area of psychological prenatal care is still needed, as well as studies aimed at men and the pregnancy process that showed still scarce, as the man is still seen as an extra during pregnancy, it was seen that this father model is still a holdover from the patriarchy that had the man only as the financial provider of the home and the margins of caring for the children.

Keywords: Psychological prenatal care, Man, Pregnancy, Parenting.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	12
2.1 GERAL	12
2.1 ESPECÍFICOS	12
3 REVISÃO DE LITERATURA.....	13
3.1 Parentalidade.....	13
3.2 Paternidade.....	15
3.2.1 Cuidado com o genitor na garantia dos seus direitos e deveres.	18
3.3 Pré-natal psicológico.....	20
3.3.1 Pré-natal psicológico auxiliando a construção da parentalidade paterna.	21
4 METODOLOGIA.....	23
5 RESULTADOS E DISCUSSÕES	24
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	29
REFERÊNCIAS	31

1 INTRODUÇÃO

Sabe-se que todo o processo gestacional acontece dentro da mulher e é indiscutível a existência de diversos estudos voltados para a preocupação e o cuidado com a mulher no período da gestação ao pós-parto, tendo em vista que o período gestacional compreende muitas mudanças no âmbito físico, psíquico e social das mulheres. Há uma cultura de que esse período é de grande alegria e benção, mas na prática sabe-se que também é um processo dolorido, com um leque de sentimentos como insegurança, ansiedade e medo (CAVALCATTI; ARRUDA; PAULINO, 2020). Assim, embora existam vários conhecimentos biomédicos para o acompanhamento do processo da maternidade e paternidade, a chegada de uma criança é uma etapa em que surge diversas necessidades e afetos decorrentes de crenças pessoais, sociais e familiares disseminadas de geração a geração (ARRAIS; ARAUJO, 2016).

A chegada de uma criança é regada de transformações na vida familiar e na relação dos genitores, necessitando de mudança para o papéis sociais de pai e mãe. É avassaladora e compreensível a diversidade de estudos voltados para a mulher no período da gestação, mas no que se refere a paternidade e os sentimentos de angústia e medo ali presentes a uma escassez de estudos, sendo considerado o homem como figura auxiliar e de segundo plano, podendo causar no mesmo um sentimento de exclusão do processo gestacional (BORNHOLDT; WAGNER; STAUDT, 2007).

Essa realidade acontece por múltiplos fatores sendo eles culturais, sociais e históricos. Segundo Badinter (1985), nas sociedades religiosas antigas a família era vista como um grupo religioso que o homem-pai era chefe do lar, sendo seu poder mais evidente que o amor, designado a condenar e julgar aqueles membros da família (esposa e filhos) que fugissem da boa conduta, cumprindo o papel de figura pública perante a sociedade. Embora ainda hoje se pratique questões relacionadas a gênero biológico no qual a maternidade e cuidado com os filhos ficaram para a mulher e para o homem restou o papel de provedor do lar, alguns estudos indicam que nos dias atuais existe mudanças de valores em relação a paternidade e a inserção do homem no processo de construção da parentalidade (TRINDADE *et al*, 2019).

A transição para os papéis sociais de pai e mãe requer muitas mudanças e adaptações para a chegada do novo membro da família e tem gravidez como o período de preparação e construção da parentalidade que acontece no âmbito psicológico, biológico e social (PICCININI, 2004 *et al*, apud SALMELA-ARO *et al*, 2000). O conceito de parentalidade é função materna e/ou paterna de zelar pelos cuidados e suprir as necessidades básicas da criança como alimentação, educação, saúde e vestuário (RIBEIRO; GOMES; MOREIRA,

2015). O exercício da parentalidade é visto como uma das tarefas mais complexas da vida humana, abrangendo diversos aspectos para manter a sobrevivência da criança, promovendo também um lugar seguro e disponibilidade de ferramentas para o desenvolvimento da autonomia e socialização do sujeito (BARROSO; MACHADO, 2010).

O pré-natal psicológico (PNP) é uma das ferramentas que pode auxiliar o profissional de psicologia no manejo da inserção masculina no processo de gestação, logo da paternidade. O PNP visa a maior humanização do processo gravídico, do parto e da construção da parentalidade. A literatura e a prática com gestantes nos mostram que o período pré e pós parto acarreta diversos sofrimentos psíquicos, físico e sociais (ARRAIS; MOURÃO; FRAGALLE, 2014). Assim esse instrumento tem como função o entendimento do período perinatal e dos impactos causados por esse processo nas mulheres, visando também a diminuição da ocorrência de possíveis transtornos mentais (CAVALCANTE; ARRUDA; PAULINO, 2020). O envolvimento paterno, nesse processo, resulta em um bem estar próprio e uma melhoria na relação familiar (SILVIA; PINTO; MARTINS, 2021).

Com isso este trabalho visa responder a seguinte problemática como o pré-natal psicológico auxiliaria na construção da parentalidade sob uma perspectiva paterna. Visto que esta ferramenta ainda é pouco difundida, mas é de grande importância para a promoção e prevenção de saúde no âmbito familiar (CAVALCANTE; ARRUDA; PAULINO, 2020). Essa temática é de sumo interesse da autora, pois sempre teve a paternidade com incógnita, estudando sempre os aspectos gravídicos e como isso impacta na saúde mental da mulher e da família como um todo.

Este estudo foi realizado a partir de uma revisão bibliográfica exploratória do tipo narrativa utilizando a ferramenta de análise de conteúdo em artigos, livros, dissertações e monografias nas bases BVS saúde, SCIELO, PEPSIC, periódicos Capes e google acadêmico, entre livros físicos que englobam a temática descrita acima. O estudo foi realizado tendo a população base os casais sis heteros.

2 OBJETIVOS

2.1 GERAL

Compreender como a ferramenta do pré-natal psicológico auxiliaria na construção de uma parentalidade paterna.

2.1 ESPECÍFICOS

- Discutir sobre o processo de parentalidade
- Apontar a importância do cuidado com o genitor, conhecendo seus direitos e deveres na chegada de um filho.
- Conhecer a ferramenta do pré-natal psicológico, auxiliando na construção da parentalidade.

3 REVISÃO DE LITERATURA

3.1 Parentalidade

Com a chegada de uma criança no seio familiar, seja ela adotiva ou biológica, é esperado socialmente que os progenitores supram todas ou a maioria de suas necessidades básicas para o melhor desenvolvimento físico, psicológico e social. De acordo com o decreto nº 99.710, de novembro de 1990 que promulga a convenção de direitos da criança, cabe aos genitores ou responsáveis o papel de propiciar, conforme suas possibilidades e meios financeiros, o suporte necessário para o desenvolvimento satisfatório da criança (BRASIL,1990). O conjunto de atividades que tem o objetivo de manter a sobrevivência da criança e seu pleno desenvolvimento, em um ambiente saudável e seguro, como também proporcionar a sua socialização para a construção de uma autonomia é chamado de parentalidade (BARROSO; MACHADO, 2010 *apud* HOGHUGHI, 2004).

Assim sendo a família o principal grupo social que a criança participa, ela é considerada uma peça essencial para propagação da moral familiar e social. Assim os pais procuram de diferentes maneiras adaptar os comportamentos físicos e psicológicos da criança de acordo com as regras sociais, como também agem em consonância com suas crenças pessoais e que acreditam ser aceitáveis (COURAS, 2013 *apud* ANTUNES, 2021). A cultura tem uma forte influência nos papéis parentais, uma vez que o conceito de parentalidade é carregado por crenças culturais, sendo as práticas partilhadas e delineadas através da cultura. Mesmo sabendo das diferenças culturais, os estudos sobre os processos da parentalidade mostram que as instruções sobre as dimensões e as práticas da parentalidade tendem a ser semelhantes (BARROSO; MACHADO, 2010 *apud* KELLER *et al*,2005).

Hoghugh (2004), com base nas propostas de Brofenbrenner (1979) e Belsky (1984) elaborou onze dimensões da parentalidade, subdividindo-as em: atividades parentais que é o conjunto de práticas para o exercício da parentalidade satisfatória, contemplando três eixos - cuidado, disciplina e desenvolvimento; áreas funcionais que está relacionado aos aspectos da funcionalidade da criança, na qual os pais devem ficar atentos e pré- requisitos esta categoria relaciona-se com as habilidades paternas e maternas de detectar as necessidades de cada criança, reconhecer os problemas da vida infantil, como também encorajar e aconselhar para atos positivos ao desenvolvimento (BARROSO; MACHADO, 2010).

Iaconelli (2019) no seu livro criar filhos no século XXI, nos traz que a parentalidade no século de tantos avanços, um deles o da pílula anticoncepcional, acontece mais por desejo e menos por demandas sociais, mesmo que ainda seja uma grande influência na tomada de decisão sobre ter ou não filhos. Com uma cultura que prega o individualismo e a realização

peçoal é difícil ter o compromisso de se dedicar quase que exclusivamente ao outro, ter um bebê demanda grande investimento narcísico. Assumir o papel parental tem dois grandes desafios, um é o trabalho físico de cuidar e atender as necessidades do bebê, sendo preciso alguém que se dedique ao choro, frio, calor, fome, noites em claro e as preocupações inacabáveis geradas por múltiplas necessidades indecifráveis. Como também ser o alicerce de um ser no mundo, ficar no lugar que antes era ocupado por nossos pais, ser o ponto de referência onde os filhos vão se voltar, quando surgirem dúvidas, lugar que projetamos antes nos nossos pais, entendedores da origem da vida e de tantas outras questões, acabamos por descobrir que nossos pais não sabiam de nada, assim como hoje não sabemos.

Ela ainda coloca a diferença entre papel e função, na qual papel é o que é designado para cada um assumir, pai provedor do lar e mãe cuidadora dos filhos, por exemplo. Função é o que é necessário fazer para que as crianças se desenvolvam de forma satisfatória. Com isso traz que a parentalidade é uma função, assim existem aspectos imprescindíveis para um bom andamento da parentalidade. Iaconelli (2019) elencou 7 funções:

Tratar o bebê como semelhante: falar com o bebê como se ele já entendesse e tivesse desejos e opiniões, falar com o bebê é uma ferramenta importante para a formação de um sujeito. Mathelin, já falava em 1999, no livro o sorriso da Gioconda, que a criança reconhece a linguagem se lhe for falado, o bebê antes mesmo do nascimento já é sensível a fala, a voz e os afetos que nela é transmitido. Outro ponto da parentalidade elencado por Iaconelli (2019) é a **educação**, como meio para a criança ser aceita em comunidade, isso pressupõe ao ensino da língua, forma de comer, higiene corporal, de se comportar, e os costumes e as regras da sociedade em que está inserido. É papel dos progenitores lhe oferecer instrumentos para o surgimento da autonomia e emancipação dos mesmos.

Transmissão geracional, resulta em ser sinceros para com as crianças sobre os acontecimentos antes do seu nascimento, sobre sua história, reconhecê-los e admiti-los, pois, essas experiências são passadas inconscientemente, é necessário entender e transmitir de forma positiva antes que seja uma experiência perturbadora para as crianças. **Dar nome e sobrenome**, o nome é a herança simbólica, com o nome temos um lugar social como também direitos e deveres, é a partir do nome que encontramos nosso lugar, com isso saberemos o que herdamos e com quem podemos ou não nos relacionar sexualmente e ter filhos para que se possa evitar incestos, que são casamentos condenados pela religião, lei e a moral por haver uma relação consanguínea entre ambos.

Apresentar a lei, pois é imprescindível que as crianças conheçam as leis, para serem aceitas e inseridas ao meio social, mesmo sem capacidade psíquica para questionar é preciso

que elas absorvam e reproduzam as leis sociais, quando mais velha, ela deverá ter a capacidade de se rebelar e questionar as que lhes parecer arbitrárias. **Responsabilizar-se**, remota assumir a responsabilidade ou encarregar a outro do desenvolvimento infantil. Trata-se de manter a sua integridade física e moral, protegendo-a de experiências complexas que são do mundo adulto, deve-se também criar oportunidades para o desenvolvimento da autonomia do sujeito, para que mais tarde ele possa se responsabilizar tanto pela a sua higiene como pelo comportamento na sociedade.

E por fim a autora cita o **amor**, sem o amor as crianças não sobreviveriam, mesmo sendo bem cuidadas fisicamente, e esse sentimento requer tempo e convívio (IACONELLI, 2019). Para um desenvolvimento satisfatório do bebê é necessário a existência de afeto e apego. Brum e Schermann (2004) *apud* Spitz (1945) trouxe a existência do que ele denominou de síndrome do hospitalismo, na qual ele observou no orfanato que trabalhava, crianças que eram bem cuidadas fisicamente e bem nutridas, mas não recebiam afeto, não tinham uma pessoa designada para função de embalar, dar colo e carinho, assim, esses bebês tinham complicações no seu desenvolvimento físico, não sentiam fome e com o tempo perdiam o interesse nas relações com os outros, alguns chegando ao óbito.

Tendo a parentalidade como função, ela vai muito além da anatomia do corpo, todos aqueles que se encarregam de cuidar da criança - pais, avós, tias(os), funcionários de uma instituição, madrinha, padrinho, madrasta e padrasto – que interpretam seus desejos, opiniões e choros, falando com e por ela, são suportes para o desenvolvimento satisfatório do bebê, todos eles podem se encaixar na função materna e paterna. Ou seja, independente das formações familiares existentes nos dias atuais, as funções tratam das relações afetivas estabelecidas por cada membro da família com a criança (FARIA, 2020).

Mas a parentalidade paterna segue em passos lentos e progressivos como modelo ideal para ser seguido, visto que a ideia de “pai ajuda a mãe” se tem modificado para “o pai tem que cuidar dos seus filhos”, sendo obrigação de ambos. Mas ainda existe diversas pessoas com costumes conservadores que canoniza homens que cumprem suas funções, mas espera-se que com as mudanças de costumes esse processo seja cada vez mais visto com normal (IACONELLI, 2019).

3.2 Paternidade

Ao longo dos tempos vimos o poder paterno sobre os outros membros da família, mãe e filhos, o pai ocupava o lugar de juiz, designado a jugar a moral e os comportamentos dos outros membros, era a figura pública perante a sociedade, enquanto a mulher era encarregada dos afazeres domésticos e do cuidado com os membros. No século XVII, a autoridade paterna

se sobressaía ao amor, pois o homem era considerado um ser superior a todos os outros, sendo igualado ao divino, enquanto a mulher era superior sendo sua única qualidade ter um bom ventre.

Embora com o passar do tempo a palavra de Cristo venha pregar a igualdade entre o homem e a mulher, com os mesmos direitos e deveres em relação aos filhos, a teologia cristã nos mostra em seus livros a supremacia masculina desde Adão, na qual o livro de Gênesis expõe que a mulher foi responsável pelo pecado original, comendo e oferecendo a Adão a maçã indicada pela serpente, que lhes davam o conhecimento sobre o bem e o mal, Deus como punição a desobediência de Eva designou a ela: “parirás com dor”, como também ordenou que ela amasse seu marido e se deixasse dominar por ele. Ao homem Deus o condenou a trabalhar incansavelmente (BADINTER, 1985).

No patriarcado, a imagem masculina é baseada no seu intelectual superior ao da mulher para a criação das tecnologias e para o controle da natureza, na sua força física para promover o sustento e defesa da família e em sua agressividade para a atuação em guerras. Ao decorrer da história o homem foi sendo direcionado ao âmbito público, tendo os comportamentos voltados para o trabalho e o poder, sendo objetivo e calculista e assim se distanciando dos sentimentos, enquanto isso, a mulher foi marginalizada e designada ao privado, a reprodução, ao cuidado com a casa (MURARO, 1993). Tinha o homem e a sua autoridade um pilar para a manutenção da família burguesa, sendo o pai provedor do lar e moralmente superior a mulher, enquanto a mulher tinha sua imagem relacionada a mãe e ao cuidado com os filhos (COSSI, 2020).

Já a revolução industrial trouxe mudanças no mundo do trabalho e ao âmbito doméstico, com a invenção dos maquinários era preciso agora pessoas que tivessem pouca força física e com desenvolvimento corporal imaturo, mas com muita flexibilidade para o manuseio das máquinas, assim as mulheres e as crianças se inseriram no mercado formal e toda família passou a ser mão de obra da indústria, agora ao invés de somente o chefe de família trabalhar e ganhar o salário, todos trabalham e o homem recebe o salário. Esse novo modelo, não só tomou o tempo de recreação das crianças como também invalidou o trabalho doméstico feito pelas mulheres para o benefício da própria família (MARX, 1867).

Mesmo com a inserção da mulher ao mercado de trabalho formal ela não deixou de ser a responsável pelo trabalho doméstico e cuidado com os filhos, a sociedade continua cobrando dela a realização de papéis de esposa, mãe e dona de casa, dividido seu tempo entre o ambiente privado e público. Ao longo dos anos e com as lutas feministas as mulheres foram conquistando cada vez mais o seu espaço assim sendo encorajadas a procurar a sua

independência financeira e ser igualadas aos homens profissionalmente, mas desde que desse de contar o trabalho e do cuidado com a casa, a mulher agora passou a ter jornada dupla e/ou tripla (GARCIA; VIECILI, 2018 *apud* VINHAS, 2009; NASCIMENTO; VILLAS BOAS, 2016). A concepção da virilidade masculina muda de acordo com a época e a sociedade, o mesmo acontece com o conceito de paternidade, mas ainda hoje o homem não tem sua masculinidade vinculada tão diretamente com a paternidade, como a mulher que sempre teve sua imagem atrelada a capacidade de gerar uma criança e cuidar dela (COSSI, 2020).

As formas de exercer a parentalidade paterna estão sendo modificadas de forma lenta e progressiva, pois na atualidade é exigido cada vez mais que o homem participe do cuidado com os filhos, não apenas pagando suas despesas financeiras, mas sendo sujeito ativo na educação e o cuidado, visto que é imprescindível para o bom desenvolvimento da criança. O papel paterno vem deixando de ser exclusivo de poder financeiro, tendo agora o amor como âncora para o desenvolvimento da relação pai-filho (GABRIEL; DIAZ, 2011).

Em uma pesquisa realizada por Gabriel e Diaz (2011) observa-se que os homens carregam uma bagagem da sua infância e sua relação com próprio pai para o desenvolvimento do seu papel como pai, de acordo com as experiências vividas com seu genitor alguns demonstram não querer seguir o modelo de pai que tiveram, afastados e sem nenhum diálogo, esperam ser totalmente diferentes na relação com o filho, desejando ser carinhoso, ativo nos cuidados e manter uma relação próxima com a criança.

Gomes e Resende (2004) na sua pesquisa, o pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea, trazem que os participantes de sua pesquisa revelaram que se sentem triste com as relações estabelecidas com os pais e que se sentiam motivados a mudar a estrutura da paternidade criada culturalmente em nossa sociedade e afastar-se do modelo de relação que teve com seu pai, relataram que não era apenas ter atitudes contrárias a seus pais, mas de admitir seus sentimentos e ambivalências da paternidade. O pai contemporâneo descrito no estudo, se permite reconhecer seus sentimentos e abdica do papel de pai que é imposto pela sociedade, quebrando assim o que Corneau (1991) designou de silêncio hereditário dos homens.

Embora a concepção de paternidade esteja mudando para os homens, os mesmos enfrentam obstáculos, a sua participação parece depender de fatores externos como melhores políticas de trabalho em relação a paternidade, visto que os pais acabam se afastando do lar e da família para o trabalho, que é muitas vezes cansativo e competitivo. Necessita-se também de novas políticas de saúde e família. O trabalho dos profissionais de saúde voltados para a mulher e o bebê, tendo os processos da gravidez como femininos, surge como um dos

obstáculos para o bom desenvolvimento da parentalidade paterna (CESAR; OLIVEIRA; FONTAINE, 2020 *apud* MILKIE e DENNY, 2014).

Nas licenças de maternidade e paternidade nota-se uma grande discrepância, de acordo com a lei 13.257 de março de 2016, a mulher tem o direito de prorrogar sua licença por mais 60 dias, sendo possível se afastar do trabalho por 180 dias para o cuidado com o filho. O homem tem direito de prorrogar a sua licença por mais 15 dias além dos 5 dias já estabelecidos pela constituição, ou seja, se afastar do trabalho por apenas 20 dias. Em caso de adoção ou guarda os dois tem direito ao afastamento na mesma proporção descrita acima. A remuneração de ambos permanece integral (BRASIL, 2016).

3.2.1 Cuidado com o genitor na garantia dos seus direitos e deveres.

Diante de uma paternidade sendo reconstruída é preciso se atentar para os cuidados com o pai na gestação da sua companheira, sabe-se que é um período de grandes transformações pois é preciso modificar a estrutura familiar e/ou conjugal para a chegada da criança. Observa-se uma grande atenção para a mulher, pois é nela que acontece todas as mudanças físicas, mas é preciso refletir sobre quais mudanças acontecem com os pais. Visto que alguns pais não estão mais satisfeitos com o papel social designado a eles, de apenas provedor da casa, tendo uma relação com a criança periférica, pode-se perceber que as angústias e inferências relacionadas a gravidez encontram-se tanto na mulher quanto no homem (BORNHOLDT; WAGNER; STAUDT, 2007).

No estudo feito por Silva *et al* (2021), com pais que estavam participando de um curso de preparação para o parto, mostrou-se que a transição para parentalidade começa com a confirmação da real existência da gravidez que vem com o exame ecográfico e com os movimentos do feto, que causa um turbilhão de sentimentos. São várias as mudanças percebidas quando o homem está em transição para o papel paterno que vai desde mudanças de comportamento ao volante, cuidado em atividades perigosas, mudanças nos hábitos viciosos como fumar e beber e mudanças emocionais, tudo isso para garantir que estará presente na vida da criança. Na pesquisa foi possível observar que quanto mais os homens eram envolvidos no processo da gravidez mais eram possíveis se observar neles os sintomas referentes ao período de gestação, como cansaço, aumento de peso, náuseas e azias.

Alguns estudos mostram que conjunto dos sintomas dos parceiros das gestantes acontecendo no âmbito físico e psicológico sem causas patológicas é chamado de síndrome de couvade, os sintomas são inteiramente ligados ao período perinatal podendo iniciar na gravidez ou depois do parto. A síndrome faz referência ao um rito que antes era realizado pelos pais para legitimar a chegada da criança, que consistia em o homem simular as dores do

parto e os sintomas referentes ao pós-parto, enquanto a mulher ia para outro lugar parir a criança, com isso se livrando das dores. Alguns fatores que influenciam o surgimento dessa síndrome são: o relacionamento íntimo do casal, a participação ativa do homem no processo de gravidez, a ansiedade, como também fatores emocionais, biológicos e sociais dos pais (SAMRSLA *et al* 2019).

Ainda na pesquisa de Silva *et al* (2021) os pais relataram experiências no pré-natal com profissionais que os deixavam de lado, como figura de segundo plano, excluídos, dirigindo o diálogo apenas para a mulher. Como também trouxeram que as consultas de pré-natal são na maioria das vezes em horário comercial quando os mesmos precisam estar trabalhando e não são liberados pelas empresas. Diante disso é preciso que exista a psicoeducação dos companheiros e das gestantes, pois já existe uma lei que garante o acompanhamento do pai no processo de pré-natal, é a lei 13.257/2016, Art.37 acrescenta ao art. 473 da consolidação das leis do trabalho (CLT) dois incisos, X- o homem tem até 2 dias para acompanhar consultas medicas e/ou exames complementares sua companheira no processo da gestação e inciso XI – acompanhar o filho a consulta medica por 1 dia no ano (BRASIL,2016).

O momento do pré-natal é propício para que os funcionários de saúde incentivem a maior participação do homem no sistema de saúde, fazendo-o se sentir necessário e incluído nesse momento, atribuir responsabilidade em relação à criança, apoiar a gestante e fortalecer os vínculos entre mãe, pai e filho, auxiliando na construção da sua parentalidade. No caso da inviabilidade do homem de participar do pré-natal, o Instituto Promundo, com sua caderneta programa P, propõe encarregar as mães de deixar o companheiro informado do que aconteceu no pré-natal, designar um conjunto de atividades para inserir o futuro papai, entregar folhetos e cartilhas para a informação do homem (PROMUNDO, 2014).

A política nacional de atenção integral a saúde do homem (PNAISH), ressalta que é necessário a conscientização do homem sobre seus direitos e deveres em relação ao planejamento reprodutivo na tomada de decisão de ter ou não filhos. Como também a sua participação diante da gravidez de sua companheira no momento do pré-natal, parto e pós-parto, visto que não se deve pensar a paternidade apenas como obrigação legal do homem (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2008).

Na pesquisa realizada pelo Instituto Papai nas maternidades municipais e estaduais de Pernambuco, observou-se que no Brasil os pais não acompanhavam o trabalho de parto por falta de estrutura da maternidade, sendo que muitas não tinham estruturas físicas para a manutenção da privacidade das outras gestantes que se sentiam constrangidas com a presença

de outros homens que não eram seus companheiros no ambiente (PROMUNDO, 2014). É importante salientar que isso não é justificativa, visto que a lei 11.108/2005, garante à mãe o direito de um acompanhante no processo de trabalho de parto, parto e pós parto, sendo da sua escolha optar pelo o pai da criança ou outra pessoa (BRASIL, 2005).

Para o incentivo da maior participação do homem no sistema de saúde, foi pensado na ideia de pré-natal masculino no I seminário internacional de saúde do homem das américas, com intuito de que os profissionais de saúde atraíssem o homem no seu momento mais sensível para o cuidado com o filho e com a família, a proposta abre espaço para o fortalecimento da tríade pai, mãe e filho. Por meio de atividades educativas oferecer aos homens uma oportunidade de aprender mais sobre a gestação, o cuidado com filho e proporcionar um espaço de escuta e validação dos seus sentimentos (SANTOS; FERREIRA, 2016).

Diante do exposto é importante o esforço dos profissionais de saúde para trazer o homem para o serviço de saúde, eliminando a distância histórica entre os pais e o processo de gestação, desenvolvendo atividades que faça refletir sobre a importância da participação do homem no pré-natal (MENDES; SANTOS, 2019). Ter o pai mais perto do serviço de saúde traz benefícios tanto para o homem como para saúde da família como um todo, servindo para o fortalecimento de vínculos e o bem-estar da criança (SANTOS; FERREIRA, 2016).

3.3 Pré-natal psicológico

Sabe-se que a gestação é um processo em que acontecem diversas transformações no âmbito físico, psicológico, emocional e social dos pais, que exige adaptações para a chegada da criança. No período perinatal é comum a recorrência de psicopatologias como *baby blues* (um tipo de depressão leve e de caráter transitório), depressão e psicose perinatal, tendo como fatores de risco pouco apoio familiar, baixa renda, relacionamento conjugal insatisfatório, idealização de uma maternidade, gravidez indesejada, traumas anteriores no parto e prematuridade (CALVACANTI; ARRUDA; PAULINO, 2020).

Diante disso, pré-natal psicológico (PNP) é uma ferramenta que trabalha no auxílio no período gestacional para propor um atendimento mais humanizado, entendendo este período e os impactos do mesmo na saúde mental das gestantes, visando a diminuir a incidência de transtornos mentais decorrentes do puerpério e fortalecimento de vínculos afetivos (CALVACANTI; ARRUDA; PAULINO, 2020). Sendo uma prática inovadora, que vem complementar o pré-natal ginecológico tradicional (ARRAIS; ARAUJO; SHIAVO, 2019). Apesar da psicologia pegar carona no termo pré-natal, a atuação é bastante diferenciada, sendo o PNP uma ferramenta que propõe a promoção de saúde.

Essa ferramenta é utilizada para apoio socioemocional, instrucional e informativo em atendimento perinatal que contribui para o bem-estar da gestante e serve como ferramenta avaliativa de ansiedade e depressão (ARRAIS; ARAUJO, 2016). O Pré-natal Psicológico trabalha na escuta do casal para acolher seus medos, angústias, dúvidas, preocupações em relação gestação, assim ele pode ser psicoterapêutico contribuindo para os possíveis diagnósticos puerperais e diminui a probabilidade de possíveis crises psíquicas, contribuindo para o bem-estar na gravidez e na chegada do bebê (BENINCASA et al, 2019 *apud* BORTOLETTI, 2007).

Ele visa trabalhar temas como desmitificação da maternidade, parto, a importância do apoio de terceiros como avôs, a lei do acompanhante, distúrbios emocionais no puerpério, amamentação, paternidade e sexualidade na gravidez. Assim pretende preparar a gestante e sua rede de apoio para o fortalecimento dos vínculos familiares e ajudar na preparação para a chegada de um novo membro, auxiliando para o desenvolvimento dos papéis parentais, de forma instrucional e informativa. No grupo de pré-natal podem ser convidados a participar os pais e os avós (ARRAIS; ARAUJO; SHIAVO, 2019). Estudos apontam que os cônjuges de mulheres com depressão são suscetíveis a desenvolverem psicopatologias, o que deixa claro a importância de intervenções no âmbito familiar (CAVALCANTI; ARRUDA; PAULINO, 2020).

Cabe ao profissional de psicologia atuar com a escuta ativa acolhendo as demandas das gestantes e familiares, utilizando a psicoeducação como auxílio aos usuários nos cuidados preventivos de psicopatologias decorrentes da gravidez e estimulando a autonomia das mulheres, como também no enfrentamento de estresses. Atuando para a desconstrução de temas pertinentes relacionados aos papéis parentais e sociais e incluir os familiares como peça chave para o bom andamento do processo (CAVALCANTI; ARRUDA; PAULINO, 2020).

3.3.1 Pré-natal psicológico auxiliando a construção da parentalidade paterna.

Em um grupo de pré-natal psicológico realizado por Benincasa et al (2019) com gestantes, foi possível observar que algumas mulheres tinham conhecimentos passado culturalmente sobre a educação dos filhos e a divisão das tarefas domésticas com seus parceiros, na qual demonstraram se sentirem incompreendidas. Neste mesmo grupo as mediadoras propuseram uma reflexão sobre como os homens poderiam estar se sentindo insolados e excluídos da gestação, visto que a cultura patriarcal é carregada de preconceitos sobre a participação do homem em momentos que consideram feminino (cuidado com a casa e filhos), tendo também poucas ou nenhuma política pública para a inserção do homem nesse

processo, as gestantes chegaram a conclusão que com o diálogo o casal poderia se entender e compreender os sentimentos decorrentes desse processo.

Diante disso, nota-se que o pré-natal psicológico poderia ser uma ferramenta de grande ajuda contribuindo para a construção da coparentalidade, para isso a licença paternidade se faz necessária, onde os genitores se alinhariam para o cuidado com o filho e a divisão de responsabilidades (FRIZZO et al, 2019 *apud* FEINBERG, 2003). Visto que o PNP propõe a troca de experiências, aumento de informações e descobertas sobre o período perinatal, como também a integração dos genitores para um melhor compartilhamento da parentalidade (ARRAIS; MOURÃO; FRAGALLE, 2014).

Sobre a sexualidade na gravidez nota-se um grande tabu, sustentado por crenças e fantasias por parte dos companheiros visto que os mesmos se sentem constrangidos e com medo de machucar o bebê com o ato sexual, o que pode contribuir para o afastamento do casal (BENINCASA et al, 2019). Com o pré-natal informativo é possível desmitificar a maternidade e a paternidade quebrando tabus sobre o sexo na gravidez (ARRAIS; ARAUJO; SCHIAVO, 2019). Visto que é de grande contribuição pois tem o caráter de promoção e prevenção, onde os pais estariam informados sobre os possíveis acontecimentos da gravidez e do pós-parto, sendo possível reconhecer o que os afetam e assim procurar ajuda (BENINCASA et al, 2019).

4 METODOLOGIA

Esta pesquisa procurou estudar a ferramenta do pré-natal psicológico auxiliando na construção de uma parentalidade paterna, sendo uma pesquisa de caráter qualitativo que leva em consideração a subjetividade do objeto estudado, se preocupando com questões da realidade que não pode ser quantificado, focando na compreensão e explicação das relações sociais. Destacando os motivos, sentimentos, aspirações, valores, moral e comportamentos que influenciam na intimidade das relações, dos processos e fenômenos que não podem ser entendidos por variáveis, esse método busca a distribuição dos dados e informações (LOZADA; NUNES, 2018 *apud* GERHARDT; SILVEIRA, 2009; MINAYO, 2001).

Foi utilizado o recorte do tipo exploratória visando estudar o objeto que ainda é pouco explorado com o objetivo de difundir-lo, compreender, desenvolver e modificar ideias para a elaboração de hipóteses para estudos futuros. Realizada a partir de uma revisão bibliográfica, diante de estudos já elaborados como livros, artigos de periódicos, monografias, tese e materiais de eventos em repositórios online (LOZADA; NUNES, 2018 *apud* GIL, 2012; APPOLINÁRIO, 2004).

A revisão foi analisada de acordo com revisão narrativa procurando estudar de forma ampla os objetos de pesquisa, com dados selecionados pelo autor com fontes não pré-determinadas ou específicas (MARTINS, 2018). Utilizou-se da técnica de análise de conteúdo de Bardin (1977) na qual subdivide-se em 3 etapas de análise sendo a 1ª primeira: a pre-análise é uma fase de organização do material encontrado na qual o autor vai fazer uma leitura flutuante, essa primeira parte tem o objetivo de escolher os documentos mais relevantes, formulações de hipóteses e objetivos e elencar indicadores para a interpretação final, 2ª etapa: a exploração do material colhido fazendo a separação dos resultados obtidos, na 3ª etapa acontece o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação, é onde o autor vai lapidar os resultados e colocar suas inferências de acordo com o estudado.

O material foi colhido em livros, dissertações, monografias e artigos que contemplavam a temática abordada, tendo como público de estudo os casais cis heteros.

5 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com as mudanças ocorridas a partir da década de 70, diante dos movimentos feministas e as invenções tecnológicas para controle da natalidade e conseqüentemente da maternidade e paternidade, abriu-se espaço para a discussão sobre a partilha da parentalidade, momento em que o homem foi convocado a participar dos cuidados com os filhos e se envolver emocionalmente com a paternidade. Com isso foi surgindo um novo modelo de ser pai, comprometido não somente com o sustento, passando a se envolver e ser capaz de cuidar dos filhos em qualquer etapa do seu desenvolvimento. A sua participação na gestação poderia contribuir para o desenvolvimento da relação parental de pai e filho e para um desenvolvimento infantil satisfatório (REIS, 2019).

Sabe-se que essas mudanças da postura paterna acontecem em passos lentos, sendo o pai figurante no cuidado e na relação com os filhos e no que tange o processo de gravidez, sendo responsabilidade da mulher encarar essa transição quase que sozinha. Com isso pode-se inferir que houve um aumento nos conflitos familiares, pois na medida em que o homem é chamado a participar da vida dos seus filhos ativamente, ele ainda carrega consigo a cultura patriarcal machista que o impede de atender as expectativas deste novo modelo de exercer a parentalidade. Na qual em pleno o século XXI acreditasse que o interesse pelas crianças e suas necessidades é um campo destinado a mulher.

Com a chegada de uma criança modifica-se todos os processos da conjugalidade para uma parentalidade. Dunker (2020) denominou essa troca afetiva de economia libidinal da parentalidade, sendo um dos momentos mais crítico da vida conjugal, o que antes era fechado em dois agora abre-se para mais um integrante e com ele tantas outras mudanças, um novo casamento, outras formas de desejos e forças.

Mesmo diante de uma possível dissolução da conjugalidade, o casal deve continuar a exercer a parentalidade nos cuidados e na responsabilidade irreversível em relação a prole. O que antes era o seu par conjugal, seu marido/esposa, torna-se agora em um pai ou mãe, o que pode acarretar em um choque com a realidade e com a fantasia antes existente. Essas modificações demandam um trabalho complexo de compreensão dos casais (DUNKER, 2020). Diante do ciclo gravídico, nota-se um grande aumento dos níveis de ansiedade nos homens que depende de diversos fatores e um deles está relacionado com o fato da relação conjugal passar a ser uma relação à três e que o bebê venha criar uma espécie de instabilidade na relação com a parceira. É imprescindível que haja uma atenção voltada para essa temática pois é um momento do desenvolvimento do homem e da mulher complexo e importante, diante que a gravidez pode ter sido uma decisão do casal ou apenas de um membro,

indesejada, pode ter sofrido influências de crenças individuais e sociais, ou acontecer em diversos contextos ambos vivem (REIS, 2019).

O pré-natal psicológico pode ser uma ferramenta que contribua para a diminuição desta estranheza referente a gravidez e as ansiedades diante de um terceiro membro que vai chegar e interferir na conjugalidade, pois é um espaço que proporciona uma escuta qualificada e de ressignificação (CALVACANTI; ARRUDA; PAULINO, 2020). É um espaço aberto para que pai fale livremente e expresse seus sentimentos na presença da companheira de modo que ela lhe enxergue e possa entender seus sentimentos, situação que pode ajudar na aproximação dos cônjuges (BORTOLETTI, 2007).

Quanto maior a integração do homem e seu empenho afetivo na gravidez mais elevada é a ocorrência de possíveis mudanças hormonais, que é marcada pela tomada de consciência sobre as mudanças e as correspondentes respostas emocionais (SILVA *et al*, 2020). Acredita-se que os homens passam por diversas alterações físicas e hormonais, com sintomatologias somáticas que vai desaparecendo depois do nascimento da criança, esses sintomas vão depender do grau de envolvimento do homem na gestação (REIS, 2019). Cavalcanti, Arruda e Paulino (2020) apontam para um estudo realizado por Silva (2009) na qual traz que os cônjuges de mulheres que apresentam depressão têm maior possibilidade de desenvolver psicopatologias, fazendo necessário uma intervenção focando nos parceiros. Para isto o pré-natal psicológico vêm com a proposta preventiva, tendo sua atuação atenta e cuidadosa diante de possíveis agravamentos em relação a saúde mental (BORTOLETTI, 2007).

As respostas emocionais expressa pelos homens podem ser intensas e variadas, fazendo com que a experiência da gravidez seja complexa, na qual se exige uma atuação psicoemocional. A ambivalência deste momento vai desde reações positivas como alegria e entusiasmo como também resposta negativas de medo, preocupação, ciúmes, ansiedade e insegurança. A felicidade da notícia de ter um filho é atravessado pelo medo de se tornar pai, não suprir as expectativas da companheira e se sentir despreparado para assumir o papel da parentalidade (SILVA *et al*, 2020).

A parentalidade é considerada um grande desafio que pode tornar o mais forte dos homens em indivíduos vulneráveis, por não terem instruções prévias de como agir diante de um momento novo, tendo que lidar com sentimentos de insegurança, incapacidade, felicidade, dúvida, preparação para a paternidade, questões de gênero do bebê, os movimentos fetais e a visão estendida para a família ao todo. O homem também sofre na transição de papel social, surgindo elevada preocupação com a responsabilidade financeira, mudança de

comportamento da companheira, sendo essa face vivenciada de forma singular, então uma das maiores e desafiadoras mudanças na vida do homem é a de torna-se pai (REIS, 2019).

Com isso o Pré-natal Psicológico vem com o caráter acolhedor, humanizando o processo gestacional e com prevenção de adoecimento, oferecer um apoio emocional trabalhando diversas temáticas referentes ao processo, deixando que os participantes falem abertamente e compartilhe suas vivências, criando um novo olhar sobre o período e fortalecendo a rede de apoio (CALVACATTI; ARRUDA; PAULINO, 2020).

Em relação às mudanças comportamentais da companheira, Bortoletti (2007) expõe que algumas mulheres demandam do homem uma atenção exagerada decorrente da regressão presente na gestação, mesmo aquelas que tem o parceiro participativo e carinhoso apresentam elevada demanda de atenção, isso repercute de maneira negativa no homem entrando este em um estado de esgotamento psíquico, sobressaindo o sentimento de impotência em relação às expectativas da esposa, por isso é necessário uma intervenção conjugal na qual se expõe essas questões de forma consciente para que assim haja a compreensão de ambos e o estabelecimento de diálogo, colaborando para o não prejuízo da dinâmica conjugal e para que eles estejam conscientes das dificuldades do momento vivido.

O que também demanda atenção profissional é a aversão que algumas mulheres frequentemente sentem no período de gestação em relação ao companheiro, quando a aversão é ao cheiro do perfume é algo fácil de resolver e normal de acontecer, é só troca a fragrância do perfume e está tudo certo, mas no que concerne a aversão em relação ao cheiro “natural” ou até mesmo a presença do parceiro levando a um movimento de afastamento da grávida, podendo surgir um sentimento de exclusão no homem do processo sendo prejudicial para a relação conjugal. É preciso uma atuação cuidadosa, buscando compreender a dinâmica do casal onde se dará o suporte para a mediação deste conflito (BORTOLETTI, 2007).

As oscilações de humor não afetam apenas a gestante, mas também seu companheiro e podendo o mesmo ter uma imensa dificuldade de lidar com essa questão, se sentido inutilizado e até mesmo agredido pela companheira, sem compreender como isso acontece (BORTOLETTI, 2007). O Pré-natal psicológico informativo vem oferecendo uma escuta qualificada e informada sobre esse processo, oferecendo um espaço onde a mãe possa expressar os seus medos e inseguranças, um lugar de descobertas e informações, possibilitando o compartilhamento da parentalidade (CAVALVATI; ARRUDA; PAULINO, 2020). Cria um momento de acolhimento mútuo e um alívio da angústia paterna, aparecendo muitas vezes sinais de construção da cumplicidade (BORTOLETTI, 2007).

Outro fator desencadeante de estresse no homem é o momento do parto, a insegurança de estar presente fisicamente, a participação do homem no trabalho de parto e parto é de grande contribuição para a estabilidade emocional da parturiente, além de propiciar ao homem uma condição favorável para estar presente em um momento importante da sua vida (BORTOLETTI, 2007). Estudos apontam que pais que tem pouca ou nenhuma informação sobre o parto são suscetíveis a passar por um grau elevado de sofrimento (REIS, 2019). O Pré-natal psicológico prestar o suporte informacional de orientações de forma a preparar a mulher e sua rede de apoio para possíveis crises, oferecendo mecanismos de enfrentamento e resolução eficaz das situações (CAVALCATI; ARRUDA; PAULINO, 2020).

Mesmo diante de tudo o que foi exposto acima, estudos comprovam que os homens tem dificuldades de expressar seus sentimentos e anseios em relação à parentalidade, incapazes de manifestar a necessidade de apoio e a procurar ajuda, como também se questionar sobre suas experiências, o que pode ser agravado com o fato de a prioridade ser atender as necessidades da mulher e por os sentimentos de exclusão diante dos serviços de saúde que não garantem recursos para o cuidado com o homem, sendo aspectos que não dependem apenas da vontade do mesmo, mas fatores que devem ser debatidos para compreender a necessidade do envolvimento com o filho para a transição da paternidade (REIS, 2019).

É cobrado ao homem que seja forte e provedor de apoio a mulher, ele é jogado as margens do processo, sendo ignorado perante a sociedade, mas ele só vai conseguir ser apoiador da mulher e protetor se tiver um espaço que seja aberto para a escuta de suas angústias, o lugar na qual o homem pode se despir do lugar de cuidador e ser cuidado (BORTOLETTI, 2007).

A futura mãe tem um papel essencial no processo de inserção do homem na parentalidade, ate mesmo antes do nascimento da criança. É de suma importância a proximidade afetiva entre ambos, como também o planejamento e a aceitação da gravidez. Se a mãe estabelece uma relação próxima e positiva com o pai, o bebê terá respostas positivas desta relação. O envolvimento se mostra eficaz para a saúde da mulher e do bebê, como também para o homem se preparar e adapta-se ao novo papel social (REIS, 2019). Esse processo ajudaria o casal a entender alguns acontecimentos típicos da gravidez como perda ou intensificação desproporcional da libido, momentos de estranhezas e desatenção, temores infinitos e algumas paixões insensatas (DUNKER, 2020).

Reis (2019) coloca na responsabilidade da mulher mais uma função, pois além de se preocupar com diversas questões como trabalho, sua saúde e a do bebê, questões hormonais

ela ainda vai ter que se dedicar para estar inserido esse homem no processo, inserção essa que deveria ser natural e procurada pelo homem já que ele também é responsável pela criança, isso só estaria reforçando ainda mais a cultura de que o homem não tem capacidade de se relacionar efetivamente com a gravidez e seu filho.

Ainda não se têm estudos suficientes que envolva o homem na gestação, sendo um espaço escasso e que dificulta a mudança social de pensamento para que a comunidade veja este homem como uma das peças centrais dessa relação, sendo uma tríade pai-filho-mãe, onde ambos têm suas responsabilidades e seus direitos perante a parentalidade. Este tema ainda é pouco estudado visando a perspectiva do homem, trazendo a ideia de que é apenas a mulher que precisa ser cuidada e acolhida pelas propostas de intervenção neste âmbito, essa imagem vem da concepção patriarcal que coloca o homem como apenas provedor de sustento familiar e longe de se envolver com as crianças e seus cuidados.

A ferramenta do pré-natal psicológico ainda não é muito difundida como uma prática importante para promoção e prevenção de possíveis agravos na saúde mental dos envolvidos na gestação, como também um instrumento capaz de fortalecer os vínculos familiares e assim desenvolver uma parentalidade saudável para ambos personagens da gravidez. Com isso houve dificuldade para a coleta de dados, não sendo encontradas publicações atualizadas por isso é preciso o incentivo a escrita deste tipo de trabalho para o fortalecimento desta ferramenta.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi analisado, nota-se que a inserção masculina no período de gravidez ainda é pouco estudada, o que pode dificultar a transição deste homem para uma parentalidade saudável. O que apresenta é que para que o homem possa ser protagonista deste processo é preciso uma mudança social de comportamentos e pensamentos acerca das responsabilidades e direitos de ambos os pais. Nota-se que o pré-natal psicológico seria de grande contribuição para o fortalecimento do vínculo familiar, desmitificação da gravidez e a inserção do homem no mundo da perinatalidade, com seu caráter informativo, acolhedor e como uma ferramenta de promoção e prevenção de saúde, na qual seria trabalhado todos os sentimentos como medo, dúvida, ansiedade, angústia, características culturais que envolvem o processo da gestação.

É visível a cobrança para que o homem esteja mais presente no processo da gravidez, mas ele é visto apenas como apoiador da mulher, estando ali apenas com a função de ajuda-la no que for preciso e não como uma pessoa que também deve ser acolhida e cuidada. Para que homem faça parte do processo de gravidez é preciso a mudança em diversos fatores dentre eles o cultural, na qual ainda está baseada no modelo patriarcal e que traz o homem as margens do cuidado e longe da parentalidade, limitando-o apenas a suporte ou incapaz de exercer o cuidado com os filhos. É preciso que haja um incentivo para a escrita sobre o homem na parentalidade, diante da imensa escassez de conteúdos que relacionem gravidez e homem, homem e parentalidade, com estudos voltados para essa temática os profissionais de saúde teriam um suporte para suas práticas na gestação, como também poderia pouco a pouco dissolver a cultura patriarcal de que o cuidado com os filhos é dever apenas das mulheres.

O pré-natal psicológico também ainda é pouco difundido, apresentando algumas limitações no processo de coleta de dados, diante de biografias desatualizadas, é importante o incentivo da elaboração de novos trabalhos expondo essa temática de atuação do psicólogo. É necessário o estudo da disciplina de perinatalidade e a apresentação da ferramenta do pré-natal psicológico dentro das universidades de psicologia para que os estudantes tenham conhecimento sobre como poderiam atuar diante de uma demanda perinatal. Esta ferramenta poderia contribuir bastante para o desenvolvimento de atividades que promoveria a prevenção e promoção de saúde em diversos campos de atuação do profissional, podendo ele ser trabalhado em setor público como na atenção básica de saúde de forma individual ou de grupo como no consultório particular.

Este trabalho respondeu a seu problema de pesquisa: como o pré-natal psicológico auxiliaria na construção da parentalidade paterna, contemplando todos os seus objetivos, mas

com algumas limitações de escassez bibliográfica, pois o campo ainda é pouco estudado não sendo encontrado nenhum material que contemplasse os três aspectos da pesquisa: pré-natal psicológico, paternidade e parentalidade.

Esta pesquisa é de suma importância para o entendimento de fenômenos como paternidade, parentalidade e pré-natal psicológico que ainda se encontram escassos de bibliográficas e práticas, abrindo espaço para se pensar em uma atuação voltada para a saúde no processo de gravidez, como para a realização de estudos voltados para a disciplina de perinatalidade com o objetivo de difundi-la.

REFERÊNCIAS

- ARRAIS, A.R.; ARAUJO, T.C. Pré-natal Psicológico: perspectivas para atuação do psicólogo em saúde materna no Brasil. **Rev. SBPH**, vol.19, n°. 1, Rio de Janeiro – Jan./Jul. – 2016.
- ARRAIS, A.R.; ARAUJO, T.C.; SHIAVO, R.A. Depressão e ansiedade gestacional relacionadas a depressão pós parto e o papel preventivo de pré-natal psicológico. **Revista psicologia e saúde**: Brasília- DF, v. 11, n. 2, 2019.
- ARRAIS, A.R.; MOURÃO, M.A.; FRANGALLE, B. O pré-natal psicológico como programa de prevenção à depressão pós-parto. **Saúde Soc.** São Paulo, v.23, n.1, p.251-264, 2014.
- BADINTER, E. **Um Amor conquistado**: o mito do amor materno. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARROSO, R.; MACHADO, C. Definições, dimensões e determinantes da Parentalidade. **PSYCHOLOGIC**, 52 – Vol. 1, 2010.
- BENINCASA, M. et al. O pré-natal psicológico como modelo de assistência durante a gestação. **Rev. SBPH** vol. 22 no. 1, Rio de Janeiro, 2019.
- BORNHOLDT, E.A.; WAGNER, A.; STAUDT, A.C.P. A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. **Psic. Clín.**, Rio de Janeiro, vol.19, n.1, p.75 – 92, 2007.
- BORTOLETTI, Fátima. Psicodinâmica do ciclo gravídico puerperal. In: BORTOLETTI, Fátima *et al.* **Psicologia na prática obstétrica**: abordagem interdisciplinar. São Paulo: Manole, 2007. p. 37-47.
- BRASIL. Decreto nº 99.710, de 21 de novembro de 1990. Promulga a convenção de direitos da criança. **Diário oficial da república federativa do Brasil**. Brasília – DF, 1990.
- BRASIL. Lei 13.257, de 8 de março de 2016. Dispõe sobre as políticas públicas da primeira infância e altera a lei 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), o Decreto-Lei nº 3.689, de 3 de outubro de 1941 (Código de Processo Penal), a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), aprovada pelo Decreto-Lei nº 5.452, de 1º de maio de 1943, a Lei nº 11.770, de 9 de setembro de 2008, e a Lei nº 12.662, de 5 de junho de 2012. **Diário oficial da república federativa do Brasil**, Brasília, DF, 2016.
- BRASIL. Lei nº 11.108 de 07 de abril de 2005. Altera a Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, para garantir às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS. **Diário oficial da república federativa do Brasil**. Brasília –DF, 2005.
- BRUM, E.H.M; SHERMANN, L. Vínculos iniciais e desenvolvimento infantil: abordagem teórica em situação de nascimento de risco. **Ciência & Saúde Coletiva**, Canoas – RS, 2004.
- CAVALCATTI, P.P.T.; ARRUDA, R.G.A.; PAULINO, K.J.G. Saúde mental da gestante: pré-natal psicológico e suas funcionalidades. Rui Maia Diamantino. **A psicologia com foco nas múltiplas práticas em saúde mental**. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2020, pag.78-82.

CÉSAR, F.; OLIVEIRA, A.; FONTAINE, A.M. Mães cuidadoras, pais imperfeitos: diferenças de gênero numa revista portuguesa para mães e pais. **Rev. ex aequo**: Portugal, nº 41, 2020.

COSSI, R.K. Masculinidade e paternidade. IN: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. **Gênero**. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2020. Pag. 33-48.

COURA, M.V. **Educação parental**: os CAFAP de Aveiro. Departamento de educação. Universidade de Aveiro. Dissertação: Mestrado em Ciências da Educação na área de especialização de Formação Pessoal e Social. Aveiro, 2013.

DUNKER, Christian. Economia libidinal da parentalidade. In. TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. **Parentalidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020. P. 39-52.

FARIA, M. Função materna e função paterna. In: TEPERMAN, D.; GARRAFA, T.; IACONELLI, V. **Gênero**. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2020. Pag. 25-32.

FRIZZO, G.B. *et al.* Coparentalidade no contexto de depressão pós-parto- um estudo qualitativo. **Psico –USF**: Bragança Paulista, v.24, p.85-96, 2019.

GABRIEL, M.R; DIAS, A.C.G. Percepções sobre a paternidade: descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. **Estudos de psicologia**: Rio grande do sul, 2011.

GARCIA, C.F; VIECILI, J. **Implicações do retorno ao trabalho após licença-maternidade na rotina e no trabalho da mulher**. Palhoça, SC: *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 30, n. 2, p. 271-280, maio-ago. 2018.

GOMES, A.J.S; RESENDE, V.R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, 2004, Vol. 20 n. 2.

IACONELLI, V. **Criar filhos no século XXI**. São Paulo: contexto, 2019.

INSTINTO PROMUNDO. **Programa P**: manual para o exercício da paternidade e o cuidado. Promundo: Rio de Janeiro, Brasil e Washington, D.C. USA, 2014.

LOZANA, G. NUNES, K.S. Tipos de pesquisas. IN: **metodologia científica**. Porto alegre: SAGAH, 2018.

MARX. K. O Capital: crítica da economia política. Trad. Rubens Enderle. Boitempo, 2013.

MATHELIN, C. **O sorriso da Gioconda**: clinica psicanalista com os bebês prematuros, traduzido por Procópio Abreu. Companhia de Freud: Rio de Janeiro, 1999.

MENDES, S.C. SANTOS, K.C. pré-natal masculino: a importância da participação do pai nas consultas de pré-natal. **ENCICLOPÉDIA BIOSFERA**, Centro Científico Conhecer - Goiânia, v.16 n.29, 2019.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Política nacional de atenção integral a saúde do homem**. Secretária de atenção em saúde, Brasília, 2008.

MURARO, R. M. **A mulher do terceiro milênio**: uma história da mulher através dos tempos. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1993.

PICCININI, C. *et al.* **O Envolvimento Paterno durante a Gestação**. Psicologia: Reflexão e Crítica, pp.303-314, Rio Grande do Sul, 2004.

REIS, Helena. **Homens e mulheres na vivência psicológica da gravidez**: um olhar sobre si e o outro. 2019. 83 págs. Dissertação mestrando em Psicologia da educação e desenvolvimento humanos – Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2019.

RIBEIRO, C.R; GOMES, R.; MOREIRA, M.C.N. A paternidade e a parentalidade como questões de saúde frente aos rearranjos de gênero. Instituto Fernandes Figueira, Fiocruz. **Rev. Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, 2015.

SAMRSLA, C.A; SOARES, M.S; SIMON, A.R; BERNIC, R. M. síndrome de couvade: a gestação psicológica do homem. **XXVII seminário de iniciação científica**: Rio Grande do Sul, 2019.

SANTOS, E.M. FERREIRA, V.B. Pré-natal masculino: significados para homens que irão (re)experiência a paternidade. Revista **Funec Científica** – Multidisciplinar, Santa Fé do Sul (SP), v.5, n.7, p.62-78, jan./dez. 2016.

SILVA, C; PINTO, C; MARTINS, C. Transição para a paternidade no período pré-natal: um estudo qualitativo. **Ciência & Saúde Coletiva**, Portugal, 2021.

TRINDADE, Z. *et al.* Pais de primeira viagem: demanda por apoio e visibilidade. **Saúde Soc.** São Paulo, v.28, n.1, p.250-261, 2019.